

O nosso illustre geologo Carlos Ribeiro já tinha indicado a presença de conchas actuaes nestas alturas, mas não as tendo descrito, havia duvida se ellas pertenciam ao quaternario ou aos terrenos pliocenicos. O estudo que fez o profundo conhecedor das faunas marinhas actuaes, Gustave Dollfus, dissipou todas as duvidas.

Reconheceu 14 especies da altitude de 6 metros, 10 da altitude de 15 e 6 da de 60 metros. O jazigo de 70 metros não deu senão fragmentos indeterminaveis.

Estas especies não apresentam relação com as do plioceno; todas pertencem á fauna actual do Oceano Atlantico. O modo do jazigo, a mistura da areia com calhaus rolados, não deixam duvida de que estes depositos são os restos de antigas praias. Impõe-se portanto a admissão de uma mudança de 70 metros no nivel do mar desde a epoca quaternaria.

O artigo lembra a presença de conchas analogas á altitude de 10 metros ao pé da foz do Douro, já indicadas pelos Srs. Frederico de Vasconcellos e Augusto Nobre.

Chamaremos tambem a attenção para um artigo do Sr. A. I. Marques da Costa ¹ em que se mencionam movimentos ascendente e descendente do solo de Troia de Setubal, provado pelas ruinas, o que parece indicar que o movimento acima mencionado continuava ainda na epoca romana.

4. Trafaria

No lado opposto da Peninsula de Setubal citaremos a povoação da Trafaria, cujas casas mais proximas do mar foram destruidas pela invasão das aguas, haverá uma duzia de annos, e o facto de existir a pouca distancia da borda actual do mar o bocal de um poço que não fica a descoberto senão nas grandes marés.

É uma prova incontestavel da movimento ascendente da linha da costa, o qual se dá talvez ha mais de um seculo.

PAUL CHOFFAT.

O meio tornês do Porto

Na collecção monetaria do Sr. Robert A. Shore existe um interessante exemplar da epoca medieval, inedito, muito notavel pela marca monetaria que o distingue, pelo diametro, improprio do valor que re-

¹ «Estudos sobre Troia de Setubal», in *O Arch. Port.*, iv, 1898, p. 34.

presentou, e ainda por outros predicados, mas estes de importancia secundaria. Sem que mostre um typo monetario desconhecido, vem preencher uma lacuna até hoje notada na serie de moedas que foram cunhadas na cidade do Porto durante o reinado de D. Fernando, nono rei de Portugal. É o meio tornês de busto.

Apesar de fabricado irregularmente, como no seculo XIV se fabricavam moedas em quasi todos os paises da Europa central, apresenta, comparado com qualquer padrão de moeda branca do mesmo reinado, aspecto manifestamente agradável, de soffrivel esthetica, como se mostra na figura seguinte:



Busto de D. Fernando com a cabelleira ondeante, coroado, voltado para a esquerda, dentro de um circulo de pontos. A marca monetaria P, significativa de PORTO, é o distinctivo que classifica a moeda. Em seguida á cruz da Ordem de Christo, ✠, lê-se na orla as primeiras palavras do conhecido versiculo SI : DOMINVS : MICH : AIVTOR : NO : A palavra MICH, por MIHI, é corrente no latim medieval.

✠.—Cinco escudetes com quinas, dispostos crucialmente, destacam-se com nitidez expressiva. Qualquer sinal occulto que ahí houvesse não é hoje visivel no campo da moeda. Os gravadores de então por vezes se dispensavam de assinalar os seus trabalhos com qualquer distinctivo. A legenda ✠ FERNANDVS : REX : PORTUGALIA : A : occupa a orla em circulo. Modulo de 25 millimetros. Peso—1,71 grammas, ou 34 1/2 grãos. Bolhão de baixo titulo, provavelmente com liga de 3 dinheiros de prata. Para ser tornês inteiro devia pesar, pelo menos, entre 69 e 73 1/2 grãos.

É conhecido outro exemplar, igual, que pertence ao Sr. Manoel Rufino de Assis de Carvalho. Foi encontrado em Evora, na quinta da Bella Vista.

Parece que o desenho do busto mostra o principe na quadra juvenil, na idade inolvidavel das illusões acariciadoras; mas não se trata de um retrato, que o gravador pretendesse offerecer á contemplação do povo, como se fosse exemplo comprovativo da sua pericia artistica, comtudo vê-se algo de expressivo e sympathico no perfil d'aquelle rosto imberbe.

A moeda podia ser dobrada em duas metades sem grande esforço, tão delgada é a sua espessura. Este motivo, porém, não lhe deu no anverso a impressão do cunho do reverso, ou vice-versa. Ha especies monetarias de reinados anteriores, e ainda de posteriores, com esta quasi dupla manifestação de symbolos.

É provavel que o exagerado diametro do meio tornês fosse confundido com o do tornês inteiro de typo igual, portuense tambem, que se mostra sob o n.º 35 da estampa vi do 1.º vol. de Aragão, e que, portanto, não fosse repetida a sua emissão. E assim póde ser justificada a sua alta raridade. Ha apenas a differença diametral de 2 millimetros entre estas moedas, ao passo que entre o tornês e o meio tornês de Lisboa, n.ºs 34 e 37, ella é de 8 millimetros, e relativamente a iguaes padrões cunhados em Corunha, n.ºs 36 e 38, é quasi a mesma, levado em conta o cercêio que os respectivos desenhos revelam.

É seguramente erronea a classificação chronologica dos torneses de busto em epoca ulteriores á das barbudas, graves e pilartes, classificação geralmente adoptada, por que estes padrões de baixo titulo monetario foram emittidos depois d'aquelles, como vamos demonstrar.

A leitura do capitulo LV da *Chronica de El-Rei D. Fernando*, por Fernão Lopes, dá a conhecer que, por occasião da guerra contra Castella, o monarcha *mudou as moedas todas, assi douro como de prata e fez outras novas quegendas lhe prougue* com typos e nomes diversos, de cuja senhoriagem e outros lucros eventuaes houve recursos á altura de sustentar a luta, como lhe convinha, embora á custa de sacrificios impostos ao povo, motivados pela transformação da moeda boa em moeda febre, onerada com valores escandalosos, como eram os das barbudas de todas as proveniencias, que correram por 20 soldos, ou 1 libra. O chronista cita estas, os graves, os pilartes, os fortes de prata, que eram certamente reaes, fortes pela excellencia do metal, cujo titulo era de 11 dinheiros, aquelles que tem no anverso a letra F, unicos padrões que de tão boa lei foram cunhados neste reinado, e em seguida menciona *torneses primeiros*, com o valor de 8 soldos, assim denominados para se differencarem de outros cunhados no tempo da guerra e que depois d'ella passaram a valer 2 soldos¹, cujo symbolo principal foi a cruz, *torneses petites*, ou meios torneses, e *dinheiros novos*, iguaes aos que os reis anteriores mandaram bater.

Fernão Lopes citou quasi em ultimo lugar torneses e meios torneses, que eram os de busto, quando lhes devia dar a prioridade na rese-

¹ Aragão, a pag. 191 do vol. I.

nha, e seguidamente citaria as moedas novas que se fabricaram á cûsta d'elles durante a guerra, isto depois de se ter referido aos reaes fortes de prata fina, como fidalgos que eram na genealogia monetaria.

É positivo que a depreciação da moeda começou pelos torneses de busto ¹; portanto já existiam quando a guerra teve principio. Os raros que ainda se encontram são de melhor lei que a das novidades monetarias a que deram origem. Estas novidades, em cujas gravuras se vêem viseiras, escudos e lanças, mostram caracter accentuadamente guerreiro, como o caracter christão se manifesta nas gravuras de moedas byzantinas, pontificaes e outras.

Os torneses de busto eram antigos; datavam dos primeiros annos da realza de D. Fernando. O seu typo foi repetido apenas na Corunha, durante as primeiras fases da campanha, com o peso de 70 ¹/₂ grãos ², peso inferior ao do tornês do Porto, que tem 73 ¹/₂ grãos ³. Pensamos que são obra de moedeiros que marchavam na retaguarda da soldadesca, talvez já militarizados então.

Os torneses de busto com as marcas C—A (ÇAMORA), T (TUY), M (MIRANDA), e V, ou V—A ⁴ (VALENÇA), ainda não foram vistos; porque não existiram? É evidente que os de Lisboa e do Porto não foram fabricados como tributos de guerra; os pesos dos exemplares existentes e a sua liga de melhor lei assim o attentam.

¹ Aragão, a pag. 189 do vol. I.

² Idem, a pag. 183 do vol. I.

³ Idem, idem.

⁴ Tem sido negada a existencia da officina monetaria de Valença, não obstante Fernão Lopes ter alludido a ella (porque Teixeira de Aragão a não cita nos quadros da pag. 68 e 69 do vol. I, ou em qualquer outra passagem da sua obra), e ainda porque os numismatas, em geral, não tem visto moedas cunhadas ali. Para que



cessem de vez negativas e duvidas, vae aqui reproduzido um grave com a marca V—A no averso, inedito. É de bolhão e pesa 1,91 grammas, ou 38 grãos. Este exemplar foi incluído sob o n.º 23 no catalogo para o leilão que teve effeito, em 18 de Janeiro de 1903, na Casa Liquidadora, Avenida da Liberdade, Lisboa. Foi adjudicado ao Sr. Julius Meili, em cujo medalheiro existe ¹.

¹ Cf. outro exemplar, que existe na colleção da Bibliotheca Nacional, citado no *Elencho de ligêas de numismatica*, II, 19.

Estas moedas já não existiam na circulação quando Fernão Lopes escreveu a chronica citada, e eis porque as tratou com menos consideração, arrumando-as no ultimo quadro das suas informações monetarias, que fazem fé como theorias doutrinarias indiscutíveis, excepto neste caso particular de deslocação chronologica, viviam apenas na sua lembrança e na do povo, que as estimára com melhor justiça que, por exemplo, as barbudas, representativas de 20 soldos no tempo da guerra e, terminada ella, dadas por boas somente no valor de 2 soldos e 4 dinheiros.

O meio tornez do Sr. Shore é a metade do *tornez primeiro*, ou primitivo; é o *tornez petite*, como lhe chamou Fernão Lopes. Teve o valor de 4 soldos. Apesar da sua origem portuense não é de peor lei que o seu irmão de Lisboa.

Tiveram má fama as moedas cunhadas no Porto, mas não todas. Houve ali prevaricadores que cunharam barbudas falsas, que D. Fernando condemnou aos cadinhos, attingidas pelo regimento e lei de 8 de fevereiro de 1378. A alçada das justiças não chegou até os recessos mysteriosos dos laboratorios particulares, onde era preparada com elementos ordinarios a moeda que empobrecia o povo. El-Rei, entretido no principio do reinado com torneios, montarias e outros *desenfadamentos*, só muito tarde viu a nuvem negra, que de algum modo podia ter obscurecido o céu da sua mais bella cidade do norte.

Lisboa, Abril de 1905.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Inscrição romana do concelho de Arraiolos

No sitio do Pégo da Ponte, junto do açude do moinho da Sr.^a D. Brigida do Carmo Pinheiro, na herdade do Marmeleiro, freguesia de Vidigão, concelho de Arraiolos, a 5 kilometros de Evora Monte, na margem da ribeira de Têr, appareceu ha tempo uma tosca lapide, de 1^m,67 de altura, 0^m,28 a 0^m,33 de largura e 0^m,15 a 0^m,33 de espessura, em que se lê o seguinte fragmento de inscrição romana:

ERBEID

BA AV

MF · H · S